

MUSEU INTERATIVO DE MORA

O PRIMEIRO MUSEU
DE MEGALITISMO EM
PORTUGAL

LEONOR ROCHA | Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais; Investigadora do CEAACP | lrocha@uevora.pt

APESAR DE, NO DECURSO DAS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS TEREM SURGIDO ALGUMAS IDEIAS E/OU PROPOSTAS PARA A CRIAÇÃO DE UM MUSEU OU PEQUENO NÚCLEO MUSEOLÓGICO, QUE VALORIZASSE O CONJUNTO MEGALÍTICO EXISTENTE NA ÁREA DE PAVIA, ORIUNDAS DA PRÓPRIA JUNTA DE FREGUESIA DE PAVIA, QUE PASSAVA PELA CEDÊNCIA E/OU AQUISIÇÃO DE UM ESPAÇO PARA O EFEITO, ESTAS ACABARAM POR NUNCA SE CONCRETIZAR DEVIDO OU A CONSTRANGIMENTOS FINANCEIROS OU A PROBLEMAS BUROCRÁTICOS. ESTA IDEIA VOLTA A GANHAR CORPO, DE UMA FORMA MAIS CONSOLIDADA, NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI, DESTA VEZ COM BASE NUM PROJETO LIDERADO PELA AUTARQUIA DE MORA, QUE VISAVA A RECUPERAÇÃO DA ANTIGA ESTAÇÃO DE CAMINHOS-DE-FERRO DE MORA, O QUAL INTEGRARIA VÁRIAS VALÊNCIAS DE ÍNDOLE CULTURAL E, ENTRE ELAS, UM ESPAÇO DEDICADO AO MEGALITISMO CONCELHIO.

ANTECEDENTES

É neste contexto que em 2014 é lançado o Concurso Público para apresentação de projetos, que viria a ser ganho pelo atelier de arquitetura CVBD Arquitetos Associados. Esta proposta, que inicialmente passava apenas pela recuperação dos edifícios da estação ferroviária, acaba por ser, na fase final da candidatura a fundos comunitários à CCDRALentejo, substancialmente aumentada e passa a integrar também a construção de dois novos espaços. Pretendia-se, assim, com esta ampliação do projeto, engrandecer o espaço, que seria dedicado ao museu, dotando-o de condições que permitissem receber, não apenas um conjunto de espólios representativos do megalitismo concelhio/regional, mas, também, incorporar um conjunto de equipamentos mais sofisticados, que exprimissem as modernas práticas museográficas.

Este núcleo museológico veio, assim, não só colmatar uma carência existente na Região Alentejo mas traduziu-se, também, na criação do primeiro museu com estas

características temáticas (megalitismo), a ser fundado a nível nacional. Na realidade, em termo gerais, as últimas décadas têm sido pouco profícuas no que diz respeito à criação de novas estruturas museológicas de raiz.

A instalação do museu neste local resultou de negociações e do estabelecimento de um protocolo entre a autarquia e a REFER, que envolveu não só a parte edificada, mas também a recuperação do espaço das linhas, como área verde e de lazer.

Recorde-se que o Ramal de Mora foi inaugurado na primeira década do século XX (1908) e contemplava três estações principais, Arraiolos e Mora, e seis apeadeiros, Leões, Louredo, Senhor dos Aflitos, Graça do Divor, Vale do Paio e Cabeção. Aparentemente, segundo informações orais recolhidas, este ramal nunca teve muitos passageiros e/ou trânsito de mercadorias, talvez pelo fato das estações de Arraiolos e Pavia, e de uma parte significativa dos apeadeiros, se encontrarem afastados das localidades, o que, conjugado com a sua morosidade (superior a 2 horas, na fase inicial),



poderia ter afastado os potenciais utilizadores deste ramal. Na realidade, esta lentidão não se devia à distância ou ao acidentado do traçado, mas por possuir nove paragens, algumas delas distanciadas apenas cerca de 5 km.

No início dos anos 70 do século XX já alguns dos apeadeiros se encontravam desativados, existindo apenas uma ligação diária. Na década seguinte (1987) o Ramal é encerrado definitivamente, acabando por todos os seus edifícios ficarem ao abandono e a linha acabou por ser desmantelada, na maior parte do seu percurso.

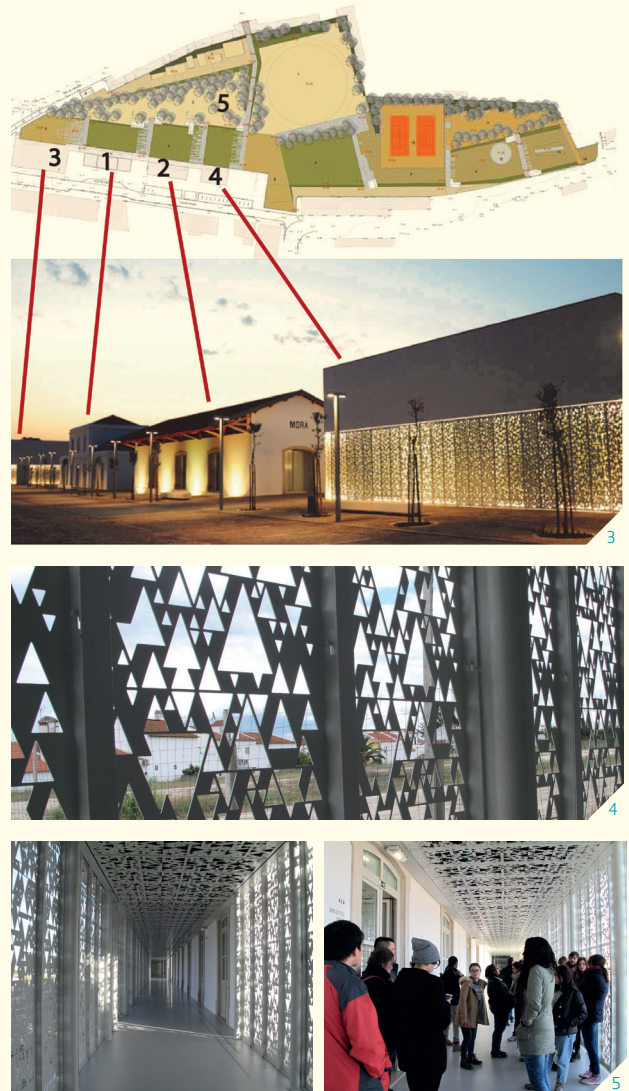
ESTRUTURAS E ESPAÇOS

O projeto executado na antiga estação ferroviária de Mora recupera e integra o conjunto ferroviário existente mas, como se referiu anteriormente, acrescenta duas novas estruturas (**fig. 3 – n.ºs 3 e 4**). O edifício antigo principal (**fig. 3 – n.º 1**) foi recuperado e continua a ser um espaço central, constituindo-se como uma área de serviços, ficando no piso inferior a receção e loja do museu, espaço de biblioteca e áreas de sanitários; o piso superior foi ocupado com o espaço internet, de livre acesso.

As quatro estruturas estão interligadas por um longo corredor, criado na parte de trás, o qual se encontra protegido por placas metálicas recortadas com figuras geométricas, triangulares, que pretendem representar a decoração das placas de xisto alentejanas. Esta conceção permitiu a criação de um espaço semi-aberto, com visibilidade para o espaço verde exterior (**fig. 3 – n.º 5**). Placas semelhantes foram colocadas nas fachadas dos novos edifícios (**fig. 3 – n.ºs 3 e 4**) que se iluminam à noite, criando uma visão única deste espaço. De salientar que cada um destes conjuntos apresenta variações na conjugação dos motivos geométricos e na percentagem de espaços abertos, ou seja, as placas metálicas jogam com a dimensão e a combinação dos triângulos, proporcionando maiores ou menores espaços abertos, como o espaço corredor, onde o objetivo era permitir uma visualização do espaço exterior, mas, também a circulação de ar (**figs. 4 e 5**).

Para além do edifício principal da estação, os caminhos-de-ferro possuíam, por norma, outras estruturas de apoio nas imediações e junto à da linha. Neste caso existia um armazém para as mercadorias transportadas (**fig. 3 – n.º 2**), o qual foi integralmente remodelado para acolher um

1. Vista geral do exterior do Núcleo Regional de Megalitimismo de Mora.
- 2a. Aspeto da estação de Mora nos finais do século XX. © Arquivo da CM; 2b. Vista geral da estrutura do Núcleo Regional Megalitimismo de Mora.
3. Vista geral da estrutura do Núcleo Regional Megalitimismo de Mora. 1. Edifício da estação ferroviária; 2. Edifício do antigo armazém; 3. Espaço do Museu; 4. Cafeteria; 5. Espaço jardim.
4. Pormenor do geometrismo das placas do corredor.
5. Vista geral do corredor.
6. Espaço dos jogos interativos para os jovens (e não só...).
7. Vista geral do espaço de cafeteria (**fig. 2 – n.º 4**).
8. Maquete inicial do projeto (CVBD Arquitectos Associados). A seta indica a entrada no espaço.





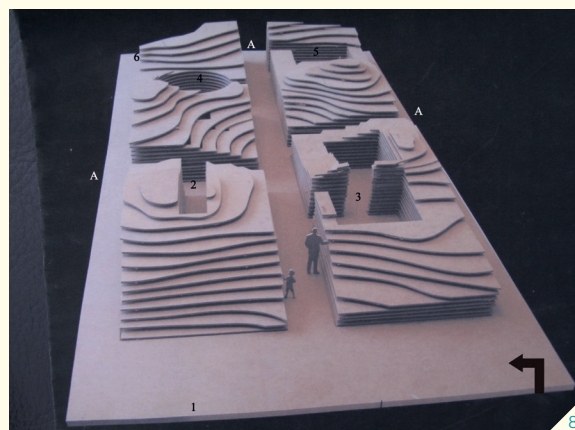
espaço dedicado, sobretudo, aos mais jovens, onde estão disponíveis diversos jogos interativos (**fig. 6**).

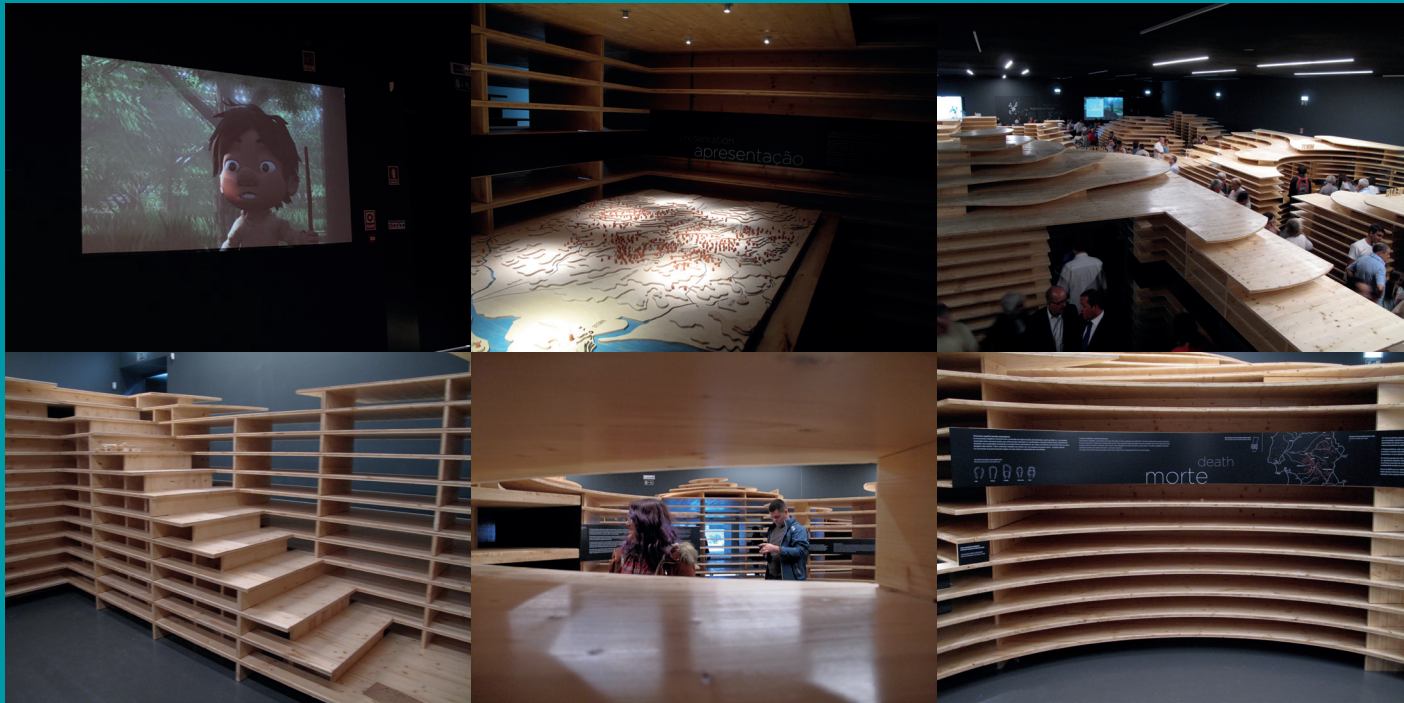
Como se referiu, para além da remodelação dos dois edifícios pré-existentes na estação ferroviária, foram construídos dois novos edifícios, um do lado este e outro do lado oeste. O do lado este destina-se a um espaço de cafetaria, com possibilidade de acesso, quer pelo interior do museu quer diretamente pelo exterior, possibilitando assim a sua abertura/exploração em horários mais amplos e a criação de uma esplanada (**fig. 7**).

Por último, o espaço nobre e principal desta estrutura, construído a oeste e que ocupa uma área de 400 m² é, sem dúvida, o Núcleo Museológico do Megalitismo (**fig. 3 – n.º 3**).

Este museu apresenta um design moderno, concebido pelos arquitetos do CVBD Arquitetos Associados. A partir da sobreposição de diferentes planos de madeira recria-se a ideia de um modelado do terreno (curvas de nível) que, por se encontrarem espaçadas, permitem ao visitante, perspetivar o interior (**fig. 9**).

Este “terreno virtual” possui, no seu interior, diferentes espaços temáticos, para além de outras estruturas, inseridas no modelado (maquetes e vitrines interativas) ou desenhadas nas suas paredes, numeradas na **fig. 8**:





9. Pormenor dos diferentes espaços do Museu.

1. Parede de entrada: apresenta uma visão geral do megalitismo europeu e um filme 3D (**fig. 8 – n.º 1**);

2. Mapa maquete com uma visão geral do espaço alentejano, do interior ao litoral, com indicação dos principais monumentos (**fig. 8 – n.º 2**);

3. Espaço Vida: representa o quotidiano da vida em dois povoados, de distintas cronologias, com exposição de espólios, reprodução de um tear neolítico e duas vitrines interativas (**fig. 8 – n.º 3**);

4. Espaço Morte: integra dois núcleos, um com a exposição de espólios de monumentos megalíticos funerários e, outro, com uma representação, à escala, de um homem do período neolítico (**fig. 8 – n.º 4**);

5. Espaço Contemplação: integra também duas componentes pois, por um lado, permite aceder ao topo da estrutura e visualizar todo o conjunto e, por outro, possui uma área interativa, com um mapa do Alentejo, que permite ao visitante posicionar-se em cima de sítios e saber mais sobre um conjunto selecionado de monumentos (**fig. 8 – n.º 5**);

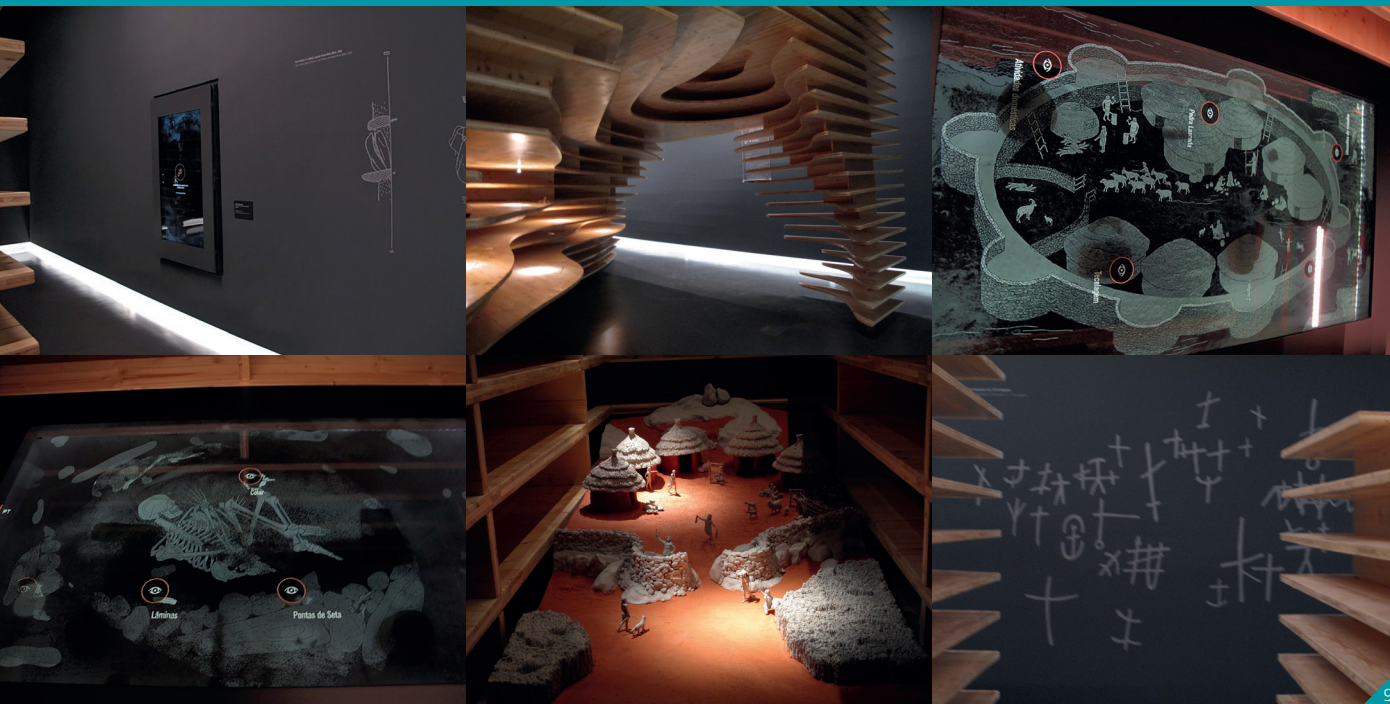
6. Espaço túnel: integra espólios oriundos de outras áreas do Alentejo e que pretendem mostrar o que é comum (e diferente) no mundo funerário destas primeiras sociedades camponesas (**fig. 8 – n.º 6**);

7. Assinala as áreas onde se encontram reproduzidos desenhos e/ou plantas de monumentos, espólios e gravuras rupestres existentes no Alentejo (**fig. 8 – A**).

Este primeiro modelo representado pela maquete da **fig. 8** acabou por ser alterado/remodelado, numa segunda fase, de modo a integrar mais informação, nomeadamente maquetes e vitrines interativas, ficando na fase final mais recortado, e com mais núcleos interativos e/ou expositivos do que os apresentados (**fig. 8**).

Em relação aos espólios expostos, que representam a vida e a morte das populações neolíticas que habitavam o Alentejo na Pré-história Recente (c. de 7000 a 3000 a.C.), a maioria foi cedida pelo Museu Nacional de Arqueologia, uma vez que a esmagadora maioria das escavações realizadas em monumentos megalíticos funerários do concelho de Mora são antigas e os materiais ficaram depositados neste museu.

O mundo funerário do litoral encontra-se representado através de espólios cedidos pela Câmara Municipal de Sesimbra e, os do Norte Alentejano, cedidos pela Direção Regional de Cultura do Alentejo/Direção Geral de Ve-



9

terinária. Existe ainda um pequeno núcleo de materiais provenientes de escavações recentes, que se encontravam à guarda da autarquia de Mora e outro resulta da doação, por parte de um proprietário (Simão Cravidão/José Lopes Aleixo Cravidão), do espólio de uma anta que foi destruída no início do século XX, na freguesia de Pavia.

Inaugurado em Setembro de 2016, o Núcleo Regional do Megalitismo de Mora é um ponto referência para a cultura nacional, e o seu aparecimento deve-se a uma ideia e projeto nascidos no seio de uma comunidade que queria ver valorizado o seu património.

Esta orientação inscreve-se numa política voluntarista autárquica, em matéria de educação patrimonial e cultural que passa pela valorização das valências existentes a nível local, com o intuito de melhorar e/ou captar visitantes para o interior e não, por um política programada da Administração Central de minorar as assimetrias regionais.

Na ausência de um programa político nacional com vista a um desenvolvimento integrado, cabe às autarquias, na medida das suas capacidades económicas e do potencial natural e/ou patrimonial existente, tentar minorar estas discrepâncias, constituindo a autarquia de Mora como um dos exemplos de sucesso nacional, com a criação de dois equipamentos de referência nacional: primeiro o Fluvial de Mora e, agora, o Museu do Megalitismo.

FICHA TÉCNICA

Arquitetura | CVBD Arquitetos Associados

Especialidade | Projectual – Serviços de Engenharia

Paisagismo | BOUND – Arquitectos Paisagistas

Sinalética | P-06 Atelier

Exposição | Comissariado Científico: Leonor Rocha (Universidade de Évora)

Montagem | Leonor Rocha (coordenação) / José Manuel Frasão / C. M. Mora

Tradução | Sofia Lovegrove Pereira

Museografia | P06 Atelier + Site Specific Arquitectura

Apoio | Museu Nacional de Arqueologia / Direção Regional de Cultura Alentejo / Direção Geral de Veterinária / Câmara Municipal de Sesimbra

Interatividade e Multimédia | Edigma

Produção Gráfica | Demetrometro, Lda.